

CONVERSÇÕES SOBRE MASCULINIDADES E CUIDADO DE SI NO DOCUMENTÁRIO THE MASK YOU LIVE IN

CONVERSATIONS ABOUT MASCULINITY AND SELF-CARE IN THE MASK YOU LIVE IN
DOCUMENTARY

Matheus Crivelari Fortes¹
Flávia Fernandes de Carvalhaes²

Sem que caíam todas as ilusões, nenhuma esperança poderá renascer. Essa é a parte imóvel da premissa. A outra parte é que, em meio aos destroços que serão empurrados para abrir caminhos, há pedaços de nós que precisam ser abandonados (Silvestre, 2019, p. 102).

Noções hegemônicas e dissidentes de gênero coexistem em disputa na vida em sociedade. Considerando tal premissa, este artigo problematiza discursos sobre masculinidades que circulam no documentário *The Mask You Live In* (Newson, 2015), a partir de um diálogo com o campo dos estudos de gênero, bem como da concepção ética referente ao cuidado de si, tal como articulada por Michel Foucault. A referência de discurso está balizada pela perspectiva foucaultiana, como conjunto de regras históricas e anônimas que exercem funções enunciativas na vida em sociedade, que estabelecem noções de “verdade” e de diferenciação dos indivíduos e das coisas (Foucault, 2006a).

No campo dos estudos de gênero, o documentário *The Mask You Live In* será debatido tendo como referência principal o campo dos estudos das masculinidades (Caetano & Junior, 2018; Connell & Pearse, 2015; Nascimento, 2001, 2014; Restier & Souza, 2019). Contudo, esta não é tarefa simples, visto que no decorrer da história, ocorreram (e ainda ocorrem) transformações em relação às normas e pressupostos que definem, socialmente, contornos do “ser” homem e suas expressões plurais de masculinidade.

Destaca-se também que o campo de estudos das masculinidades é plural, sendo constituído por diversos temas que se entrecruzam (violência, saúde, paternidade, educação, homossexualidade/transsexualidade, racismo, entre outros) e que são desenvolvidos por pesquisadoras(es) de diferentes regiões do país, que situam-se a partir de contextos socioculturais plurais. Além disso, estas pesquisadoras(es) problematizam questões de gênero e

¹ Psicólogo Clínico, especialista em Saúde Mental e mestrando no Programa em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Email: matheuscivelari90@gmail.com. Endereço para correspondência: Rua Creusa Pereira Campos, 1705, apartamento 304, bloco 01, CEP: 86055-653, Londrina, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1563-1350>

² Docente no Departamento de Psicologia Social e Institucional e no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, mestre em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil. Email: fcarvalhaes@uel.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1879-7989>

masculinidades a partir de matrizes epistemológicas distintas, seja da psicologia, do direito, da sociologia e etc (Caetano & Junior, 2018; Restier & Souza, 2019).

Logo, os estudos e discussões sobre masculinidades se caracterizam como um campo de investigação que questiona naturalizações acerca de uma representação universal e hegemônica que pretende definir o “ser homem”. No sentido contrário a esta lógica universalizante, estudos demonstram, em sua maioria, que não existe uma essência ontológica, ou seja, uma natureza inerente ao homem e as suas expressões de masculinidades. Os sujeitos homens, na verdade, são constituídos enquanto tais no âmbito das sociedades e culturas nas quais se localizam, no período histórico em que vivem, a partir das relações sociais que estabelecem durante suas trajetórias de vida e de sua sujeição ao poder (subordinação pelo poder e processo de tornar-se sujeito) materializado nas normas e regras institucionais aos quais são submetidos desde recém-nascidos (Butler, 2019b; Caetano & Junior, 2018; Restier & Souza, 2019).

Neste sentido, se os estudos sobre masculinidades criticam e denunciam a presença de uma categoria universal que baliza hegemonicamente os modos de vida de homens, nos questionamos a qual categoria estaríamos nos referindo? Podemos afirmar, segundo arcabouços teóricos dos estudos de gênero e masculinidades, que a figura do homem branco, magro, cis, heterossexual e de classe média é tomada como referência universal. Mas qual seria o problema da existência dessa perspectiva? Ora, se o modelo representacional do ser humano está atrelado a figura anteriormente descrita, quais os efeitos dessa produção nas trajetórias de homens trans, negros, gays, gordos e/ou pobres? (Restier & Souza, 2019; Louro, 2019).

Tampouco há uma única resposta para tal questão, no entanto, se existe algo em comum entre as pesquisas e estudos sobre masculinidades, é o fato de que estas apresentam potência efetiva na ampliação de olhares atentos às minúcias que engendram determinadas realidades socioculturais e seus efeitos na população. Muitos destes estudos nos permitem, portanto, o mapeamento de teias simbólicas complexas, que se materializam em instituições (família, Estado e sociedade) e que, através de regimes de verdade plurais, produzem modos de subjetivação masculinos (Caetano & Junior, 2018). Assim como afirmam Caetano e Junior (2018, p.10), “homens são polissêmicos, múltiplos e contraditórios, assim ao nos debruçarmos sobre suas histórias, perspectivas teóricas e subjetividades, trazemos outros olhares e interpretações sobre este grupo social”.

Localizar os homens como categoria representacional universal e natural, configura um modo padronizado de expressão de uma suposta masculinidade circunscrita como hegemônica, culminando, assim, em processos de exclusão e marginalização de sujeitos que escapem a esta norma. Sobre esta questão, Butler (2019a) afirma que os processos pelos quais se constroem perspectivas de gênero estão alicerçados na premissa de que o corpo é uma estrutura natural e que carrega “verdades” ocultas. Marcados por uma divisão sexual, que encontra aporte em explicações anatômicas e hormonais, os corpos são caracterizados como bases passivas em que um conjunto de significados culturais irá se instalar. Deste modo, os gêneros são localizados como produções sociais, contudo, estes são avaliados a partir de um determinismo linguístico que estabelece uma conexão binária e universal entre macho, masculino, virilidade, racionalidade e agressividade, bem como entre fêmea, feminino, passividade, sensibilidade e reprodução.

Os corpos materializados, contudo, não se ajustam totalmente às normas, sendo esse processo instável e constituído por elementos múltiplos e díspares, o que possibilita fissuras nessas articulações e a produção de configurações existenciais dissonantes à ordem dos gêneros (Butler, 2019a). Nesta perspectiva, afirma-se que noções

de gênero são também produzidas em uma trama de forças heterogêneas, interseccionadas a modalidades raciais, de classe, étnicas, geracionais, sexuais e regionais (Akotierene, 2019).

Entretanto, o paradoxo dessa produção está no fato de que configurações que escapam a modelos prescritivos de gênero são, geralmente, classificadas pelas normas regulatórias como anormalidades, o que contribui para reafirmar a existência de um campo onde determinadas produções de gênero são representadas como normais. Logo, configurações que destoam da racionalidade posta na matriz heterossexual são, comumente, situadas como ininteligíveis, anormais, abjetas, imorais e perigosas, o que justifica que estas sejam, comumente, classificadas, vigiadas, examinadas, violentadas e, por vezes, exterminadas (Butler, 2019a, 2019c; Miskolci, 2020).

Um suposto modelo hegemônico de masculinidade, portanto, se constitui em torno de representações que se materializam nas imagens do homem branco, assalariado, heterossexual, atleta imbatível e, geralmente, violento, sendo este localizado como imagem ideal e padrão a ser seguido. Nesta matriz de pensamento, sujeitos que articulam modos de existência dissonantes a essas noções centrais, os ditos “ex-cêntricos” (Louro, 2013, p. 44), são, regularmente, concebidos como anormais, problemáticos, subalternos, enfermos, visto que não se enquadram aos padrões supostamente estáveis de normalidade estabelecidos na ordem dos gêneros.

Nesta perspectiva, a presente análise parte da ideia de que subjetividades se produzem de modo processual e incessante, a partir das relações sociais e institucionais, dos encontros, das afetações e do movimento, assim como afirma Mansano (2009)

os processos de subjetivação vão tomando forma, contando com a participação das instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação, enfim, de uma lista vasta que tem como principal característica o fato de ser permanentemente reinventada e posta em circulação na vida social. Assim, esses componentes ganham importância coletiva e são atualizados de diferentes maneiras no cotidiano de cada vivente. Por isso mesmo, eles podem ser abandonados, modificados e reinventados em um movimento de misturas e conexões que não cessa. Pode-se dizer, então, que os múltiplos componentes de subjetividade difundem-se como fluxos que percorrem o meio social, dando-lhe movimento. (p. 111)

Por fim, ressaltamos que as análises articuladas neste artigo se respaldaram na estratégia metodológica da pesquisa documental (Pimentel, 2001), que problematiza documentos disponíveis de modo impresso e/ou virtual e que são de domínio público, ou seja, que estão acessíveis à população. Além de disponíveis para acesso, esses documentos estão acessíveis também para serem descritos e comentados por quem os analisa, segundo os objetivos de cada investigação proposta (Spink, Brigagão & Cordeiro, 2014).

Ao exemplificar tipos de documentos de domínio público, Pimentel (2001) ressalta materiais escritos, estatísticas e elementos iconográficos. Sobre as fontes de problematização, Spink (et al., 2014) complementa este debate ao indicar materiais publicados em revistas, jornais, páginas da *internet*, portais e demais repositórios eletrônicos. Portanto, realizar uma pesquisa documental implica em exercícios de seleção, organização e análise de documentos, para que haja um delineamento do problema a ser investigado.

Em um primeiro momento, é problematizado noções de masculinidades presentes no documentário em questão, bem como seus efeitos nos homens, a partir de análises engendradas no campo dos estudos de gênero e das masculinidades. Em seguida, o debate apresentado nesta primeira parte será articulado às perspectivas conceituais articuladas pelo filósofo Michael Foucault (2006a) de ética como cuidado de si, estética da existência e

vida compreendida como obra de arte. Por fim, ensaiamos considerações, ainda que provisórias, sobre o debate posto.

A ORDEM DOS GÊNEROS: PERSPECTIVAS HEGEMÔNICAS DE MASCULINIDADE EM CENA

O documentário *The Mask You Live In* (Newson, 2015) foi produzido por Jennifer Siebel Newsom, no ano de 2015, nos Estados Unidos, e articula um debate o campo das masculinidades, temática que vem sendo amplamente questionada nos estudos de gênero. O documentário problematiza, mais especificamente, os efeitos dos modelos hegemônicos de masculinidade.

Raewyn Connell (2005) propõe o conceito de masculinidade hegemônica a partir da noção de hegemonia elaborada pelo filósofo Antonio Gramsci, referindo-se a uma dinâmica sociocultural em que determinados grupos reivindicam posições superiores e privilegiadas, sendo outros, por vezes violentamente, subjugados. Desta forma, a masculinidade hegemônica se configura no âmbito das relações de poder enquanto prática social, cultural, institucional e individual de gênero, legitimando noções idealizadas de masculinidades contingentes a contextos culturais específicos. Como ideal, a masculinidade hegemônica circunscreve padrões dominantes, subalternos e dissidentes, sendo, portanto, não alcançável para a maioria dos homens e também passível de contestações.

Percebe-se no documentário um ideal de masculinidade hegemônica referente a um modelo ocidental e estadunidense (e que podem ser pensados, em parte, no contexto brasileiro), pautado principalmente na homofobia e na misoginia. Neste sentido, sendo a masculinidade localizada como oposto da feminilidade, esta se constitui através de práticas de silenciamento, repressão das próprias angústias, uso da força e da violência nas relações com o outro, da alta *performance* nos esportes e assim por diante.

O documentário chama atenção para os efeitos dessa lógica social generificante que reverberam em fenômenos como o suicídio, uso abusivo de drogas, a produção de múltiplas expressões de violências, dentre outros efeitos nocivos, não só para os homens, mas também para a população como um todo. Contudo, ressalta-se que a produção cinematográfica também anuncia possibilidades outras, criativas e resistentes, de produção de masculinidades, como, por exemplo, os relatos de professores que utilizam dos espaços de sala de aula para questionar efeitos negativos de noções tradicionais de gênero (Newson, 2015).

Assim, o documentário em questão mergulha no campo de problematizações das diversas expressões de masculinidades que coexistem em disputa na vida em sociedade, e que estão, necessariamente, interseccionadas a diferentes marcadores sociais. A noção de interseccionalidade se apresenta como instrumento teórico-metodológico, quando afirma a relação inexorável entre as categorias de gênero, raça, etnia, religião, geográfica e de classe, nos processos de produção de modos de existência. Tais marcadores, sobrepostos e inter cruzados, reverberam em múltiplos efeitos nos processos de subjetivação, bem como de produção de fenômenos sociais como o racismo, as desigualdades sociais, os preconceitos, exclusões, dentre outras conformações – violentas ou não – pertinentes à vida (Akotirene, 2019).

Apesar de o documentário analisar discursos que se produzem em um país estrangeiro, considera-se que os debates tensionados nesta produção encontram ressonâncias com modelos de masculinidades dissidentes que também circulam no Brasil. Destaca-se que masculinidades dissidentes se constituem pela possibilidade de desvio

das normas regulatórias de gênero, estabelecidas nas racionalidades da heteronormatividade e do ideal de masculinidade hegemônica (Butler, 2019a & Connell, 2005).

Considera-se, ainda, que nosso país apresenta um longo histórico de colonização, o que implica em condições (históricas, políticas, culturais e sociais) que possibilitam a edificação na população brasileira de uma mentalidade que representa e afirma as produções estrangeiras, sobretudo as europeias e estadunidenses, como referências de normalidade, de beleza, de exatidão, de razão (Alves & Delmondez, 2015). Ainda assim, tendo em vista a importância da produção de saberes localizados (Haraway, 1995), é fundamental ponderar que cada país tem suas especificidades, o que implica que parte das análises do documentário apresentam (im)possibilidade de tradução para a realidade brasileira.

Reflete-se também sobre a importância de analisar o documentário em questão, pois, assim como assinala a pesquisadora De Lauretis (1994), em nossa sociedade existem “tecnologias de gênero” (como filmes, músicas, mídia, entre outros exemplos) que interferem na articulação de configurações hegemônicas e contra-hegemônicas de masculinidade e de feminilidade. Partindo dessa perspectiva conceitual, analisa-se a importância da problematização do documentário, principalmente por considera-lo como dispositivo tecnológico que contribui para apresentar e, ao mesmo tempo, desestabilizar noções hegemônicas de masculinidade.

Logo nas cenas iniciais do documentário *The Mask You Live In* (Newson, 2015) são apresentadas, em tom imperativo, um conjunto de frases curtas que, comumente, se fazem presentes nas relações que se articulam na vida em sociedade, como, por exemplo, nas relações intrafamiliares (principalmente nos diálogos entre pai e filho), nas relações institucionais (como nas escolas e igrejas), nos campos dos esportes de alto rendimento, nas linguagens da maioria das propostas de *vídeos games*. As frases estão destacadas no próximo parágrafo e elucidam maneiras como os processos de produção de perspectivas de masculinidade localizadas como hegemônicas, operam em aliança a noções de natureza, violência, provedor, machismo, hipersexualidade e homofobia (Connell & Pearse, 2015; Louro, 2019).

“Seja homem!”; “Engula o choro!”; “Não deixe barato!”; “Revide!”; “Para de ser mulherzinha!”; “Calado!”; “Homens falam menos que as mulheres, é natural!”; “Não é pra ter medo!”; “Calado!”; “Amigos primeiro, mulheres depois!”; “Mulher gosta de ser chutada!”; “Não deixa a mulher te dominar!”; “Dei oito seguidas!”; “Você não tem colhões!”; “Covarde!”; “O que importa é dar conta do recado!”; “Prefiro morrer do que ser viado!”; “Prefiro uma filha puta a um filho viado!”; “Bicha!”; “Viado!”; “Não aguenta não desce pro play!”; “Mulherzinha!”; “Você não pode ter medo!”; “Homem tem que trabalhar pra botar o pão de cada dia em casa!”; “Fracassado!”.

Alguns destes imperativos inauguram o debate proposto no documentário *The Mask You Live In* (Newson, 2015), bem como interpelam, cotidianamente, as trajetórias de vida de crianças, adolescentes e adultos circunscritos socialmente como homens em escalas locais e global. Segundo Connell e Pearse (2015), tais narrativas atravessam os processos de produção de perspectivas de corpo e de subjetividade, e, em destaque, de noções de masculinidades que se articulam em um campo de relações de poder em disputa.

Para Foucault (2014, 2019), o poder se dá nas relações entre os sujeitos, sendo que estas se desenham de modo imbricado a racionalidades que circulam em estruturas institucionais e que fazem circular processos de classificação, regulação, disciplinamento e normalização das múltiplas configurações existenciais. Nesta perspectiva, Foucault (2019) situa a sexualidade como um dispositivo, ou seja, como campo heterogêneo de elementos que englobam discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas,

enunciados científicos, proposições filosóficas e morais. O autor situa, portanto, os múltiplos elementos que compõem o dispositivo da sexualidade e que foram traçadas em torno de um poder que ele denominou como biopoder, ou seja, poder que se organiza em torno de racionalidades estatais de disciplinamento e regulação de fenômenos característicos da população, como nascimentos, mortes, doenças, entre outros exemplos.

Logo, considera-se as interferências das dinâmicas do biopoder nos processos de produção de noções hegemônicas e subalternas de masculinidades, bem como seus múltiplos efeitos nas trajetórias de vida de corpos localizados socialmente como de homens (Santos, 2016). Como visto anteriormente, tal questão pode ser sustentada pelo conceito de masculinidade hegemônica proposto por Connell (2005), a partir da consideração da existência de padrões de masculinidade contingentes a diferentes culturas e, portanto, que anunciam modos específicos de como os homens devem se comportar para se enquadrar na ordem dos gêneros. Nesta perspectiva, privilegia-se a imagem idealizada de normalidade associada ao homem branco, colonizador, invulnerável, viril, musculoso, heterossexual, bem sucedido financeiramente e esportivamente.

Assim, é notável a circulação de discursos que, supostamente, imprimem noções de obrigatoriedade a população dita masculina, sendo estes parcialmente representados pelos gritantes imperativos apresentados no início do documentário e que foram destacadas na página anterior. Tais discursos se disseminam no cotidiano visando o reconhecimento, de modos privilegiados, de configurações de vida que se adequam aos padrões tradicionais de gênero, sendo estas circunscritas como normais, naturais, adequadas, previsíveis e esperadas. Nesta mesma matriz de inteligibilidade, produções de vida dissonantes a essas prerrogativas são, comumente, enunciadas como anormais, patológicas, inadequadas, imprevisíveis, irracionais, desviantes, sendo, regularmente, alvos de práticas de repressão, de violências (físicas e/ou simbólicas), de exclusões e/ou de extermínios (Butler, 2019a).

O documentário *The Mask You Live In* (Newson, 2015) problematiza também efeitos das noções hegemônicas de masculinidades nos meninos-homens estadunidenses ao analisar, por exemplo, dados estatísticos sobre suicídios a partir de recortes de gênero e faixa etária, que são apresentados a seguir. No país, pelo menos três crianças cometem suicídio diariamente, sendo que, as taxas de suicídio entre meninos e homens, em diversas fases da vida, é superior as encontradas entre meninas e mulheres. Na faixa etária de 10 a 14 anos, por exemplo, a taxa de suicídio entre meninos é três vezes maior do que em meninas; de 15 a 19 anos cinco vezes maior e de 20 a 24 anos sete vezes maior. Ainda sobre as práticas de suicídio, é analisado o fato de que uma em cada quatro crianças do sexo masculino sofrem *bullying* na escola e que apenas 30% destas informam seus pais a respeito destes episódios.

O debate interseccional entre suicídio e gênero também se evidencia no Brasil. Para elucidar essa afirmativa, destacam-se dados de pesquisa realizada pela Organização Mundial de Saúde (World Health Organization [OMS], 2014) no ano de 2014, sobre o índice de suicídios no Brasil em 2012, também demonstraram que dentre 100 mil casos de suicídio, 78% destes foram cometidos por homens (OMS, 2014).

Além de exemplos dos efeitos mortíferos das noções hegemônicas de masculinidade, engendradas por dispositivos de controle articulados a relações de poderes e de saberes, o documentário *The Mask You Live In* (Newson, 2015) também problematiza desdobramentos destas perspectivas nos corpos de sujeitos que, supostamente, assujeitam-se de modo acrítico a esta racionalidade, ou seja, analisa estruturas sociais, institucionais, tecnológicas e midiáticas que se inter cruzam na produção dos ditos “*sujeito homi*”.

No Brasil, desdobramentos de noções hegemônicas de masculinidade também se evidenciam no filme brasileiro *Cidade de Deus* (Meirelles, 2002), apresenta um menino, de aproximadamente 8 anos, que almeja entrar

para o contexto do tráfico de drogas da vila onde reside. Para tal, ele afirma sua masculinidade argumentando que naquela idade já tinha fumado, cheirado, matado e roubado. Argumentos estes, balizados por um ideal específico de masculinidade, engendrado por modos de vida violentos e descuidados, que reforçam e legitimam essa posição “compulsória” de “*sujeito homi*” (Butler, 2019a).

No campo de estudos de gênero, “uma das questões debatidas tem sido as articulações entre masculinidade e violência, vindo à tona arquétipos históricos hegemônicos que tradicionalmente concatenaram o masculino a características como a agressividade, o controle e o autoritarismo.” (Júnior & Silva, 2018, p. 88). De forma que a conexão entre a violência e a masculinidade apresenta-se tão introjetada nos discursos, ações e subjetividades que resulta na manutenção de um estereótipo de gênero no qual se tem a sensação de que são os homens, tão somente, os agentes das violências. Isso é enfatizado cotidianamente de forma a engessar identidades. (Júnior & Silva, 2018, p. 89).

Dados trazidos no documentário *The Mask You Live In* (Newson, 2015) também permitem refletir sobre componentes de subjetivação que interpelam os homens em suas trajetórias de vida e que contribuem para produção de discursos e ações relacionadas a expressões de violência. No longa metragem, por exemplo, é apresentado o fato de que 99% dos meninos estadunidenses afirmam que têm acesso a *video games* no seu cotidiano, sendo que 90% dos jogos apresentam conteúdos violentos protagonizados por personagens masculinos, com práticas deliberadas de agressões físicas, verbais e/ou de homicídios. No documentário, afirma-se, ainda, que uma parcela significativa de homens, até seus 18 anos, nos EUA, já teve contato com, em média, 40 mil simulações de cenas de assassinatos em *video games*, bem como com cerca de 200 mil notícias sobre atos de violência.

Especialistas estadunidenses (Newson, 2015) que participaram do documentário afirmam que a exposição constante a mídias violentas pode deixar as pessoas menos sensíveis a dor e ao sofrimento do outro, mais temerosas em relação ao mundo e/ou potencializar práticas agressivas, que podem culminar num aumento da possibilidade de ocorrências de episódios de violência que são, inclusive, majoritariamente protagonizadas por homens. Na tentativa de estabelecer uma ponte dessas análises com episódios ocorridos na realidade brasileira, destaca-se o episódio ocorrido em Suzano (São Paulo) no ano de 2019, quando (ex) alunos, munidos de armas, invadiram a escola onde estudavam e feriram e assassinaram parte dos alunos e funcionários. O ocorrido em Suzano, bem como outros episódios similares que já foram registrados em anos anteriores no Brasil e outros países, dispara questionamentos sobre as relações possíveis entre o ato de violência cometido e fato de os autores dos massacres terem sido usuários de alta frequência de jogos violentos, como *Counter-Strike* e *Call-of-Duty* (Varella, 2019).

Neste sentido, podemos pensar nos *games* de violência enquanto dispositivos que interferem no processo de construção de valores e noções de realidades, ou seja, como elemento complexo que atravessa os processos de subjetivação. Partindo dessa perspectiva, questiona-se sobre a produção em alta escala de *games* de violência, o fato de estes serem consumidos especificamente por meninos e homens, bem como os efeitos desses dispositivos em suas trajetórias de vida (Retondar & Harris, 2013).

No documentário *The Mask You Live In* (Newson, 2015) é sinalizado, ainda, que 93% de população masculina estadunidense atesta que acessa pornografia na *internet* e 18% que já acessaram cenas de estupro *online*. Assim como há um evidente aumento do acesso à indústria da pornografia nos EUA, os dados também indicam a possibilidades de aumento em 22% de práticas de violência sexual no país, além de contribuir para o isolamento social e também para objetificação dos próprios corpos, e, principalmente, dos corpos das mulheres. Assim,

questiona-se sobre efeitos dos enunciados tecnológicos (de entretenimento, jornalísticos, entre outros) nos homens?

Uma questão pertinente presente no documentário diz respeito a grupos de debate sobre masculinidades, que foram realizados na Penitenciária de San Quentin, com homens que cumprem pena de prisão perpétua. As narrativas da maior parte deles indicam histórias de vida demarcadas pelas vivências de episódios de negligências e/ou violências (físicas, psicológicas, sexuais) e/ou abandonos. Considerando tais narrativas, problematizam-se as correlações entre as experimentações por homens de múltiplas expressões de violências, como elementos que contribuem para que estes estejam, por vezes, mais vulneráveis a reproduzir de práticas em suas trajetórias.

Contudo, é importante considerar que discursos relacionados a noções hegemônicas de masculinidades são produzidos em campos de forças em disputa, o que implica, necessariamente, na produção também de modos de vida que se configuram como dissonantes. Sobre a perspectiva, Foucault (2014) vislumbra que, nos processos de subjetivação e disciplinarização dos corpos, insurgem resistências, rotas de fuga que tendem a driblar perspectivas instituídas, criando possibilidades para a construção de outros modos (contra hegemônicos) de existência.

O “ser” homem, portanto, se articula como produção social, política, tecnológica, ou seja, como processo em constante (trans)tornar-se a partir de múltiplos referenciais que se articulam na vida em sociedade e que implicam na articulação de modos plurais de existência. Porém, assim como analisam Bulter (2019) e Connel (2016), os corpos dissonantes estão, de modo mais evidente, expostos a práticas discursivas de violência, por serem considerados como ameaças à desestabilização da virilidade masculina.

No próximo tópico, os debates articulados até então serão interseccionados à análise de uma concepção ética que remete a noção de “cuidado de si”, tal como articulada por Michael Foucault (2006a), possibilitando a análise de processos resistentes de construção de noções de masculinidade.

EXERCÍCIOS DE CUIDADO DE SI COMO POSSIBILIDADE CRIATIVA DE EXISTÊNCIA: DISPUTAS DE NARRATIVAS NO CAMPO DAS MASCULINIDADES

As questões problematizadas na primeira parte desse artigo remetem a uma reflexão sobre “regimes de verdades” (Foucault, 2006b) que se tecem na modernidade e parte de seus efeitos nos processos de subjetivação de homens. Nesta segunda parte, será analisado o quanto essas “formas materiais” de conhecimento implicam em representações localizadas como universais, que aprisionam os sujeitos a formações discursivas pré-determinadas. Analisa-se, sobretudo, uma concepção ética de Michael Foucault (2006a) que remete a noção de “cuidado de si”, ou seja, que corresponde a uma postura reflexiva diante do mundo, em que o sujeito volta-se para si, age sobre si, para depois agir sobre o mundo, constituindo assim um duplo retorno (do mundo para si e de si para o mundo – para o outro).

No que se refere, especificamente, a produção de noções normativas e dissidentes de masculinidade, o debate posto convoca para o questionamento dos impactos dessas construções nas trajetórias de sujeitos circunscritos como masculinos, bem como se soma a processos (coletivos) que vêm operando na articulação de modos outros de “ser” homem. Sobre esta questão, destaca-se uma fala que circula no documentário *The Mask You Live In*: “*todos merecem ser completos. E cada um de nós pode fazer a sua parte ao expandir o que significa ser homem para nós e para os meninos de nossas vidas*” (Newson, 2015). O anúncio da importância de construção de modos outros de “ser” homem, bem como da responsabilização da sociedade neste processo, parte, necessariamente, da localização dos processos

de construção de noções de gênero como processuais, como possibilidades de vir a ser.

Os dados analisados sobre efeitos violentos engendrados na reprodução de perspectivas hegemônicas de masculinidade demonstram que uma parcela majoritária de sujeitos ditos homens se encontra, simbólica e literalmente, a mercê de normativas que circulam na vida em sociedade, ou seja, vivendo predominantemente de modo heterônomo. Assim, questiona-se sobre as dificuldades dos homens de empreenderem processos éticos de auto-cuidado, exercícios de um cuidado de si, ou seja, de articularem um olhar para si que contribua para torna-los menos passíveis aos desígnios sociais.

Foucault (2006a), ao analisar o paradigma ético-filosófico que marca o período histórico da modernidade, fundamentado em aliança a uma racionalidade cartesiana, problematiza discursos que se articulam na produção de regimes de verdade e que sinalizam a importância do conhecimento (racional) de si. Assim, o homem, enquanto representante da humanidade, é localizado no âmbito do conhecimento científico como objeto a ser investigado, a ser classificado, a ser conceitualizado, a ser normatizado, configurando-o a uma posição subjetiva, necessariamente, passiva, dócil. Deste modo, Galvão (2014, p. 4) problematiza que “há uma abstração idealizada da vida compreendida segundo regras de condutas às quais os sujeitos são direcionados afastando-se de si mesmos, ou seja, esquecem-se de si ao adotar um modelo padronizado de vida”.

Ao ser circunscrito como objeto de saberes científicos definidos socialmente como privilegiados, o homem é “enclausurado” a um paradigma racional que dificulta a sua implicação com processos de cuidado de si. Nesta perspectiva, edificou-se a premissa de um suposto modo universal (natural) de ser homem, constituído em meio a um conjunto de representações homogeneizantes, que anunciam modos padronizados de existência. Sendo assim, uma série de discursos opera na delimitação de noções instituídas do que é ser homem, bem como na tentativa de interdição de outras possibilidades de existência. Encarcera-se, portanto, parte dos processos de vir a ser a dispositivos de controle e docilização dos corpos, sendo que, na modernidade, a aquisição da “verdade” se articula a uma via do conhecimento desvinculado do cuidado de si.

Entretanto, ao ressaltar a dimensão ética do cuidado de si, Foucault (2006a) problematiza este exercício reflexivo (individual e político) como fundamental para alcançar certas noções de liberdade e de autonomia em relação às normas sociais, sendo que o sujeito realiza um trabalho sobre si, uma obra sobre si, que implica em outros modos de subjetivação nomeados como “estética da existência”, vida como obra de arte a ser inventada e reinventada a cada instante. Pensar essa dimensão artística, “antes de ser algo restrito apenas a produção do belo nas belas artes, obra de arte é o modo de ser de toda e qualquer produção original, no sentido da criação que faz aparecer o que, antes, não aparecia” (Pessoa, n.d., citado por Galvão, 2014, p. 11).

Logo, a composição de tal estética se engendra, portanto, a partir do movimento de labor do sujeito sobre si mesmo, do processo de retorno reflexivo para si, que pode culminar em modos de vida que extrapolem, ainda que parcialmente, modelos hegemônicos de existência instituídos em meio a dispositivos de saber e de poder. Desta forma, cabe ao sujeito voltar para si, na tentativa de escapar dos efeitos de regimes de verdade instituídos na vida em sociedade, de forma que o mesmo adquira, neste retorno, certa autenticidade em relação a seu próprio modo de se fazer e de existir.

Para Foucault, então, o homem não é, necessariamente, produzido apenas na obrigatoriedade da racionalidade normativa, mas também tem possibilidade de constituir-se eticamente por meio do cuidado de si e, por conseguinte, articular possibilidades heterogêneas de relação com o outro. Portanto, apesar de não haver um *script*

pré-determinado sobre como agir, afirma-se o cuidado de si como caminho necessário para o cuidado com o outro, um agir eticamente que implica na possibilidade de produção de uma vida distinta daquela posta como padrão, como adequada, como supostamente “natural”.

No documentário *The mask you live in* (Newson, 2015) circulam alguns relatos que anunciam exercícios de cuidado de si, que implicam em possibilidades de questionamento dos efeitos do uso das “máscaras” masculinas. Destaca-se, neste artigo, a história do professor e ativista negro Ashant Branch do colégio *Freemont*. Ele relata que se graduou nessa escola e que nunca pensou em ser professor, mas que decidiu seguir por esse caminho “*pois percebeu que sua comunidade estava sofrendo com a falta de bons professores*”. Ashant conta, ainda, que o colégio *Freemont* fica em uma zona periférica nos Estados Unidos, território que o professor define como uma “*zona de guerra*”, com a presença cotidiana de um cenário constituído por pobreza, prostituição e ação das gangues.

Nos relatos de Ashant (Newson, 2015) notam-se também os efeitos do racismo no cotidiano escolar, pois, embora ele ressalte a potência da relação entre professor e aluno, critica o fato de muitos professores não apostarem na capacidade de crianças negras e pardas. Esse trecho se articula de forma precisa com o que escreveu Frantz Fanon em sua obra intitulada *Pele Negra Máscaras Brancas*:

Que o negro não é um humem . . . uma zona do não ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma encosta perfeitamente nua, de onde pode brotar uma aparição autêntica . . . O negro homem é um negro; isto é, em decorrência de uma série de aberrações afetivas, ele se instalou no seio de um universo do qual será preciso removê-lo. (Fanon, 2020, p. 22).

Como uma aparição autêntica, Ashant afirma que uma professora o “*salvou*”. Quando criança, Ashant afirma que ele era considerado inteligente, entretanto, quando ficou mais velho, ele entendeu que performar uma perspectiva “segura” de masculinidade implicava em sustentar a premissa de que ser inteligente e tirar boas notas “*não significa nada, não valia de nada no recreio*”. Então, para se integrar, Ashant afirma que caiu em uma “*armadilha*”, que o convocava a atuar um modo de ser homem que se engendra na negação dos estudos, na negação da escola, em passar de ano raspando, em ser agressivo com os professores, entre outras práticas cotidianas. Entretanto, no último ano do Ensino Fundamental, uma de suas professoras o interpelou em sala de aula e disse: “*Eu sei que você tem problemas. Eu sei que seu pai morreu antes de você nascer. Mas isso é só uma desculpa. Você é esperto demais para dizer que não é. Nem sempre escolhemos o que acontece conosco, mas temos a responsabilidade de aproveitar ao máximo o que temos*”. Ashant relata que ficou com raiva da professora e que pensou em nunca mais falar com ela. Contudo, ele também conta que não esqueceu o que ela disse e que esta fala impactou sua vida. Ashant afirma que entendeu que sua mãe ofertava uma boa criação mediante as dificuldades que vivenciava no cotidiano, mais que, contudo, ele precisava de outras vozes ecoando em sua trajetória, sendo que tal percepção o convocou a docência. (Newson, 2015).

Dentre as ações que Ashant desenvolve atualmente na escola *Freemont*, o documentário deu visibilidade a uma oficina em específico, realizada com um grupo de nove estudantes homens. Ashant solicita que na parte da frente de uma folha de papel, os estudantes assinalem as “máscaras” que colocam todos os dias antes de ir para a escola e, na parte de trás, que assinalem o que realmente sentem. A ideia de máscara foi associada às palavras “*entretenimento*”, “*sorriso*”, “*diversão*”, “*carinhoso*”, “*brincalhão*”, “*felicidade*”, “*bobeira*”, sendo que os relatos desses estudantes sobre o que, de fato, sentiam no dia a dia estavam relacionados às palavras “*raiva*”, “*dor*”, “*frustração*”, “*sentir falta do pai*”, “*ter que cuidar dos irmãos mais novos*”. Quando o professor Ashant pergunta o motivo de eles

terem que “esconder” a dor, um estudante responde: “as pessoas não querem que todo mundo saiba de tudo. Tem que fazer cara de paisagem, não pode revelar tudo”. (Newson, 2015).

Ashant afirma a escola como campo que pode vir a ser acolhedor e seguro para que crianças e adolescentes reflitam de modo crítico sobre suas trajetórias de vida e *performances* no dia a dia. O professor acredita em uma relação de “*fraternidade*” entre homens, que se afirma na possibilidade de eles poderem falar de suas dores, tristezas, dificuldades, ou seja, exercício de cuidado de si que implica, necessariamente, na redução da probabilidade de que estes jovens homens, por exemplo, como anuncia Ashant, “*explodam com a pessoa errada, pelo motivo errado*” e que aumentem o número de homens presos nos Estados Unidos. (Newson, 2015).

Assim, considera-se que há um campo de forças em disputa nas relações de poder que se tecem no cotidiano, sendo que Foucault também problematiza dimensões de resistências que incidem nos processos de produção de modos plurais de existência. Sobre tal questão Galvão (2014, pp. 9-10) analisa que “há uma luta, uma tensão entre forças, de um lado o indivíduo que quer dar vazão ao seu desejo vivendo a sua maneira, do outro, uma série de dispositivos que tentam dobrar os indivíduos e controlar sua subjetividade e desejo”.

Dessa forma, o diálogo com Foucault (2006) sinaliza uma noção ética do “eu” consigo mesmo, que implica em uma perspectiva processual de transformação, de autoconstrução, de resistência em relação a discursos que operam processos de docilização dos modos de existência. Assim, articulada a noção de resistência, se aposta na importância da circulação de debates críticos sobre noções hegemônicas e dissidentes de masculinidade na população, como exercícios éticos de cuidado de si e oportunidades para que homens possam constituir modos outros de existência.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A análise em questão neste artigo localiza o documentário *The mask you live in* como dispositivo tecnológico que contribui na circulação de reflexões críticas sobre processos de reprodução de desigualdades e de violências que atravessam os homens no cotidiano, contribuindo na criação de narrativas que desestabilizam, ainda que parcialmente, a ordem dos gêneros, bem como que sinalizam a necessidade de refletirmos de modo críticos sobre os modos de existência instituídos como “normais” na vida em sociedade.

Se aposta, por fim, que o documentário em questão, dentre outros longos metragens que tratam da temática das masculinidades, assim como a crescente produção teórica e prática no campo dos estudos das masculinidades, se somam a um conjunto de movimentos de resistência que implicam (em dimensões singulares e coletivas) em exercícios éticos do cuidado de si, conferindo assim, outras possibilidades de viver, criação de estéticas existenciais mais inventivas e artísticas.

REFERÊNCIAS

Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen Livros.

Alves, C. B. & Delmondez, P. (2015). Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. *Revista Psicologia Política*, 15, 647-661.

- Butler, J. (2019a). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2019b). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2019c). *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo* (1a ed.). São Paulo: n-1 edições.
- Caetano, M. R. V., & Junior, P. M. S. (2018). *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos.
- Connell, R. (2005). *Masculinities*. Polity.
- De Lauretis, T. (1994). A tecnologia do gênero. In H. B. Holanda (Org.), *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural* (p. 206-242). Rio de Janeiro: Rocco.
- Foucault, M. (2019). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Foucault, M. (2006a). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2006b). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra máscaras brancas*. São Paulo: UBU.
- Galvão, B. A. (2014). A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. *Intuitio*, 7(1), 157-168.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.
- Junior, J.A.S, & Silva, M. L. R. (2018). In M. Caetano & P. M. S. Júnior (Org.), *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil* (pp. 86-107). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Louro, G. L. (2019). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2013). Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o excêntrico. In: G. P. Louro; J. Felipe; S. V. Goellner (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo* (p. 43-53). Petrópolis: Vozes.

- Mansano, S. V. (2009). Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8, 110-117.
- Meirelles, F. (diretor). (2002). *Cidade de Deus* [DVD]. Rio de Janeiro: Globo Filmes.
- Miskolci, R. (2020). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* (3a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Nascimento, M. (2001). *Desaprendendo o silêncio: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher* (Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social da UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil).
- Nascimento, M. (2014). Hombres, masculinidades y homofobia: apuntes para la reflexión desde lo conceptual y de lo político. *Conexoes Psi*, 2(2), 41-59.
- Newsom, J. S. (Direção), Anthony, J., Congdon, J., Newsom, J. S. (Produção), Newsom, J. S. e Congdon, J. (Roteiro), & Holland, E. (música). (2015). *The mask you live in* [Documentário]. Estados Unidos: The Representation Project; The Annenberg Foundation; The Brin Wojcicki Foundation; Novo Foundation; Pacific Gas and Electric; Peery Foundation.
- Pimentel, A. (2001). O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, 114, 179-195.
- Restier, H., & Souza, R. M. (2019). Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.
- Retondar, M. J., & Harris, E. R. A. (2013). Jogos eletrônicos e violência. *Motrivivência*, (43), 183-191.
- Santos, W. B. (2016). *Adolescência heteronormativa masculina. Entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária*. São Paulo: Intermeios.
- Silvestre, H. (2019). *Notas sobre a fome*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.
- Spink, M. J. P., Brigagão, J. I. M., Nascimento, V. L. V., & Cordeiro, M. P. (Orgs). (2014). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Varella, J. (2019, Março 14). Massacre de Suzano reacende debate sobre a má influência de games violentos. *Folha de São Paulo*:
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/03/massacre-de-suzano-reacende-debate-sobre-ma-influencia-de-games-violentos.shtml>

World Health Organization [WHO]. (2014). *Preventing suicide: a global imperative*. (2014). World Health Organization:
https://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/